



**Rodolpho Theóphilo**  
(O polivalente polêmico)

EDNILO GOMES DE SOÁREZ\*

*Ah se a juventude soubesse,  
E a velhice pudesse.*  
(Rodolpho Theóphilo)

## **1 A infância**

**A**o nascer, há cerca de 150 anos, Rodolpho Theóphilo poderia imaginar-se um felizardo pois era filho e neto de médicos, numa época em que só havia três esculápios em nosso Estado. Neto do Dr. Manoel Gaspar de Oliveira e filho do Dr. Marcos José Teóphilo, e de sua esposa, D. Antônia Josefina Sarmiento, Rodolpho Teóphilo nasceu em Salvador, Bahia, a 5 de março de 1853. Só soube de sua real naturalidade muitos anos depois.

---

\* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

O que ocorreu é que seu pai havia se formado em Medicina na Bahia quando conheceu sua futura esposa D. Antônia, baiana. Há duas versões sobre a ida do jovem casal à Bahia para o nascimento de Rodolpho Théóphilo. A primeira, sugere que havia um compromisso do Dr. Marcos com a sua sogra que o nascimento do primeiro neto seria na sua terra, a Bahia.

Outra fonte revela que o Dr. Marcos, como médico, sabendo da frágil saúde de sua esposa e da precariedade da medicina em Fortaleza, preferiu correr todos os riscos de uma viagem de navio com sua esposa já no seu 8º mês de gestação, conduzindo-a a Salvador.

O casal voltou a Fortaleza quando Rodolpho tinha apenas um mês e meio de vida.

Poderia ter tido uma infância feliz como qualquer criança de seu nível socioeconômico. No entanto, sequer desconfiava do que a vida lhe reservava. Nuvens negras o aguardavam. Ficou órfão de mãe aos 4 anos. Um rude golpe para ele e suas duas irmãs, Florisbela Teófilo e Flora Teófilo. Seu pai, um homem de espírito prático, buscou uma solução doméstica. Voltou à Bahia de onde retornou casado com a cunhada, D. Guilhermina, irmã de D. Antônia, com a qual teve mais três filhos, Júlia Teófilo, Afonso Teófilo e Laura Teófilo.

Rodolpho participou de 8 grandes secas em 1862, de 1877 a 1890, em 1900, em 1915 e em 1919, nas quais proliferavam sempre pestes como tifo, febre-amarela, cólera e varíola. Em 1841, contando portanto, com apenas 9 anos, Fortaleza foi assolada pelo “Cólera Morbus” que atacou a todos em sua casa. Rodolpho foi o único que escapou ileso. Provavelmente beneficiado por uma incômoda acidez no estômago que o acompanhou por toda a vida e não permitiu que os vibríões do Cólera se desenvolvessem e o atingissem.

Por ser a única pessoa da família em razoáveis condições físicas, viu-se na contingência de manter a casa funcionando, lavando a roupa, cozinhando e fazendo a limpeza. Sua madrasta estava esperando o que seria a sua sexta irmã.

Por ocasião do nascimento, seu pai, embora médico, encontrava-se acamado impossibilitado de fazer o parto. O próprio Rodolpho, fez o parto de sua irmã, orientado pelo seu pai, deitado em uma cama ao lado. Face à fraqueza de sua madrasta e as precárias condições em que a criança nasceu, esta não resistiu e faleceu.

Mais uma vez ele, forçado pelas circunstâncias, acondicionou o cadáver de sua irmã em uma caixa de sapatos e transido de medo, levou-a ao cemitério, onde foi sepultada com dezenas de outras vítimas da terrível doença.

Outro infortúnio o aguardava. Ficou órfão, agora de pai, com apenas 11 anos. Viu-se então, perdido em um mundo hostil, com a madrasta-tia e mais 5 crianças, todas mais jovens. Seu pai nada havia deixado, sua madrasta também não possuía habilitação profissional e sua família passou a viver em uma pobreza franciscana, dependendo da generosidade alheia para sobreviver e sem nenhuma perspectiva.

## **2 A adolescência**

Nessa conjuntura adversa, sua tia materna, D. Maria do Carmo Theóphilo, D. Marica, condeu-se de sua situação e por intermédio de seu marido, Sr. José Antônio da Costa e Silva, que também era seu padrinho e um próspero comerciante, matriculou-o no Atheneu Cearense, onde estudavam os filhos das melhores famílias de Fortaleza. Na ocasião, tornou-se colega de Paula Nei, Rocha Lima, Domingos Olímpio e Capistrano de Abreu, de quem, por afinidade de temperamento, ambos eram muito reservados, tornou-se amigo íntimo.

Rodolpho revelou-se um aluno dedicado, obtendo sempre boas notas. Como era muito comprido para a sua idade, seu tio e padrinho Sr. José Antônio da Costa e Silva achou que o seu ciclo de estudos estava concluído e que havia chegado o momento dele começar a trabalhar para ajudar sua madrasta a criar os seus irmãos.

Levando em consideração seu desempenho escolar, o Diretor do Atheneu, Prof. João de Araújo Costa, intercedeu a seu favor, fazendo uma contraproposta ao seu protetor. Rodolpho continuaria na escola, com uma Bolsa de Estudos, portanto, gratuitamente, mas com a responsabilidade de ministrar aulas aos alunos com dificuldades.

De início, a proposta formulada funcionou de forma satisfatória. No entanto, no ano seguinte as matérias objeto de seus estudos se tornaram mais difíceis e, simultaneamente, aumentou o número de colegas mais atrasados e, portanto, carentes de suas aulas. Ele não logrou aprovação. Foi o suficiente para o seu padrinho resolver, de forma irrevogável, que ele iria trabalhar.

Iniciou o seu calvário profissional trabalhando na Casa Albano, como Caixeiro–Vassoura porque entre as obrigações estava varrer as dependências da loja e a calçada. Sentia-se multiplamente humilhado: por haver sido obrigado a abandonar os estudos, pelas funções que exercia e principalmente pela vergonha que sentia de seus ex-colegas do Atheneu quando faziam suas compras na Casa Albano.

Estava com 14 anos e se julgava um “escravo branco”. No primeiro ano de trabalho não era remunerado, pois era considerado como o ano de experiência...

Suas condições de trabalho eram as mais precárias. Morava e fazia refeições na própria loja na companhia dos demais caixeiros, dos quais era o mais inferior na hierarquia e, em consequência, nas atribuições.

Mas, já demonstrando uma indomável força de vontade, decidiu continuar seus estudos à noite, pois se convencera, por si mesmo, nos duros embates de cotidiano, que “só os estudos poderiam me livrar daquele cativoiro”. Retomou-os, à noite, após o árduo trabalho de caixeiro durante o dia.

Revelando, precocemente, suas aptidões para o exercício de atividades ligadas à Química, conseguiu, com a ajuda de um amigo farmacêutico, produzir uma tinta para marcar os fardos de algodão que eram exportados.

Com a autorização do Sr. Albano, futuro Barão de Aratanha, começou a produzir e comercializar a tinta, aos domingos, nos fundos da loja. Alcançou um resultado tão satisfatório que a outra firma fabricante da tinta cerrou as suas portas e ele ficou com o monopólio de produção da tinta.

Com essa receita extra, começou a sonhar em realizar os Exames Preparatórios para almejar ser admitido em um Curso Superior, quem sabe seguir a carreira de médico de seu pai.

Nessa ocasião, ficou muito doente e enfraquecido, sendo obrigado a interromper seu projeto.

Foi para Pacatuba onde moravam sua madrastra e os 5 irmãos.

Tornou-se muito próximo de Henrique Justa, que havia sido amigo de seu pai e era um próspero negociante, transformado em seu grande protetor ao longo de sua atribulada vida.

### 3 Vida acadêmica

Recuperou a saúde, voltou a trabalhar na Casa Albano e retomou seus estudos. Com a economia feita a duras penas e muito trabalho, deslocou-se para Recife, onde em 1872, estudou e foi aprovado nos Exames Preparatórios, pré-requisito indispensável para o ingresso nos Cursos de Graduação. .

Inicialmente, pretendia seguir a carreira de Médico, como seu pai, no entanto, conformou-se em estudar Farmácia por ser um curso que exigia menores recursos financeiros e de menor duração.

Outra vez, seu benfeitor, Henrique Justa, usando seu prestígio político consegue um empréstimo na Câmara de Deputados para subsidiar seus estudos na Faculdade de Farmácia da Bahia.

Ao matricular-se na Faculdade de Farmácia da Bahia, um ex-colega de Faculdade de Medicina de seu pai, o conselheiro Aranha Dantas, o identificou pelo nome e por ser muito alto e desengonçado como o pai, disse-lhe, para sua surpresa, que ele era baiano.

Na ocasião, demonstrou todo o seu amor pelo Ceará, quando declarou: “Sou cearense porque quero”.

Em todas as ocasiões declarava seu amor ao Ceará, usando uma emocionante metáfora em seu livro, *Coberta de Tacos*.

Ao Ceará, que amo perdidamente penso que será indiferente ter-me como filho, tanto que o ilustre historiador Barão de Studart, cidadão inglês, me excluiu de seu dicionário biobibliográfico, alegando ser eu baiano, quando a minha certidão de idade, único documento existente para provar a minha naturalidade, nada diz do lugar em que nasci.

Estou identificado com esta terra mártir. A ela dei toda a minha mocidade, os melhores dias da minha vida e continuo a dar os dias cansados de minha velhice. Conteí as suas glórias e chorei as suas desventuras... Nos meus livros reflete-se o desmedido amor que lhe voto. Todos falam nela. Quanto mais infeliz, mais a amo.

Eu podia mentir-lhe optando pela Bahia, o berço adorado de minha mãe, terra opulenta e abandonar o Ceará que é paupérrimo.

O meu caso é de um filho que foi separado de sua mãe ao nascer e criado por outra mulher. Adulto, soube que sua verdadeira mãe era opulenta e o chamava. Preferiu ficar com a sua mãe de criação,

paupérrima e infeliz. Como arrancar as profundas raízes do amor à terra que o criou?

“Nasci baiano por um acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu”. (THEOPHILO, Rodolfo 1931, p.20-23)

No 2º ano da faculdade, por um descuido burocrático, a verba que lhe garantia o financiamento de seu curso, deixou de ser consignada no orçamento estadual e ele se viu em grande dificuldade e na contingência de abandonar o curso. Mas as fadas do destino, dessa feita, trabalharam a seu favor. O Hospital Militar de Salvador promoveu um concurso público justamente para acadêmicos do 2º ano de Farmácia. Inscreveu-se, sem muita esperança, pela expectativa do elevado número de candidatos. Para sua felicidade apresentaram-se apenas 5 acadêmicos e ele classificou-se em primeiro lugar. Foi contratado. Contando com essa providencial fonte de renda, Rodolpho Teóphilo concluiu seu curso.

Parece-nos que foi um período muito penoso, pois na sua extensa obra literária, praticamente omite seu período de acadêmico.

Formado, regressa em 1875, à Pacatuba, onde Henrique Justa vem em seu auxílio, financiando-lhe a instalação de uma farmácia. Naquela ocasião, ele, já doutor, achou-se em condições de declarar-se à D. Raimundinha Cabral, filha do Comendador Antônio Cabral de Melo, um dos figurões de Pacatuba.

#### **4 Vida profissional**

Infelizmente, no início de sua vida profissional, o Ceará vivia uma das piores secas de sua história, no triênio de 1877 a 1879.

A seca, além da adversidade climática, se agravava por falta de interesse político das autoridades nos diversos níveis em minorar o sofrimento de milhares de sertanejos através de medidas preventivas, de distribuição adequada de alimentos e remédios, de ajuda e da educação.

Por dezenas e dezenas de anos, políticos e gestores públicos se aproveitaram em benefício próprio, no mais puro egoísmo e achando normal apropriarem-se de recursos destinados aos flagelados, no clássico e desumano patrimonialismo, eliminando deliberadamente o nítido limite entre o privado e o público.

Cada seca, e por vezes a simples ameaça de uma estiagem, transformava-se numa operação política que, em nome do socorro aos flagelados, caberia vultosas verbas para a abertura de estradas e, sobretudo, a construção de açudes criatórios. Nas últimas décadas, enormes somas federais concedidas para o atendimento das populações nordestinas atingidas pelas secas custearam a construção de milhares de açudes, grandes e pequenos, enriquecendo ainda mais os latifundiários, assegurando a seu gado a água salvadora nos quadros de estiagem e amplas estradas para movimentar os rebanhos em busca de pastos frescos. (RIBEIRO, 1995, p. 348, 349).

Percebeu logo que, naquelas circunstâncias adversas, remando contra o vento na pequena Pacatuba, não conseguiria condições financeiras para contrair matrimônio com D. Raimundinha, sua eleita Dulcinéia.

Ainda uma vez, coube ao seu protetor Henrique Justa vir em seu auxílio, dando-lhe os recursos para que ele tivesse sua própria farmácia, em 1877, agora em Fortaleza, na Rua da Palma, atual Rua Major Facundo, nas proximidades da Casa Albano de onde havia sido Caixeiro-Vassoura.

Viveu momentos de grandes dificuldades financeiras naquela quadra de seca terrível, no qual em apenas um dia, em dez de dezembro de 1888, foram sepultadas 1004 pessoas.

Em 1900, estava em passeio com D. Raimundinha a Salvador, certamente revendo os lugares que frequentara como acadêmico e visitando parentes de sua mulher, quando tomou conhecimento de outra grande seca no Ceará e a conseqüente epidemia de Variola que grassava em todo o Estado.

Prontamente, decide interromper as suas tão aguardadas e justas férias, faz um rápido estágio no Instituto Vacinogênico da Bahia para aprender as técnicas da produção da vacina e o fechamento térmico das ampolas de vidro para acondicionar as vacinas que viria a produzir no vacinogênio que construiria em sua casa, localizada na atual Avenida da Universidade, com recursos próprios.

Para poder distribuir gratuitamente as vacinas aos cearenses, exportava-as para os Estados do Maranhão, Pará e Amazonas.

Os sertanejos quando afluíam a Fortaleza já haviam contraído a peste. Além do que, lutava contra a ignorância reinante que significava

outro entrave à vacinação e, para completar o quadro adverso, a partir de 1904, havia também a campanha negativa e sistemática por parte do governo, com campanhas orquestradas para denegrir a qualidade da vacina aplicada..

Porém o grande farmacêutico não desanimava, sempre estimulado por D. Raimundinha, sua mulher, continuava a sua missão, indo de casebre em casebre, nas mais longínquas “areias”, nome dado aos bairros da periferia, para vacinar as populações carentes, chegando mesmo a oferecer-lhes vantagens materiais, panelas, janelas, portas e dinheiro, para que concordassem em ser vacinadas.

Montava uma burra e saía, tal qual um Dom Quixote nordestino, só que, em vez de lutar contra moinhos de vento, buscava populares para inocular-lhes a vacina salvadora.

Inventava histórias, aproveitando a credence popular, nas quais o herói era o Santo Jenner, nome do criador da vacina, Sir Edward Jenner. Solicitava aos padres que exortassem os fiéis em seus sermões a vacinar-se, pensou em tornar obrigatória a vacinação para os paroaras, cearenses que regressavam da Amazônia e para as crianças ao batizar-se. Esses seus sonhos não se materializavam por falta de visão governamental.

Enfrentava toda sorte de dificuldades. O sertanejo, que, por sua cultura já é desconfiado, tornava-se ainda mais arisco por ocasião da seca, pelo deslocamento forçado através de estradas sem água e empoeiradas onde só os mais fortes sobreviviam.

Para tornar o quadro ainda mais sombrio, além de suas credences, frutos da ignorância, sentiam na pele o descaso por parte das autoridades. Muitos pensavam que a vacinação era a forma mais prática do Governo ver-se livre deles, dizimando-os.

A ignorância religiosa criava no imaginário das pessoas um conformismo baseado na crença de que perder um filho era uma bênção de Deus.

Não se importavam que os filhos, expostos o dia inteiro ao sol, adoecessem e morressem. Consideram a morte como supremo bem. Consideram a morte de um filho uma grande felicidade. É um anjo que sobe ao céu e vai rogar pelos pais que ficam degradados na terra das secas. A natureza que lhes coube de sorte é ingrata, é inclemente. Eles aplicam a ela a lenda da cascavel, porém mais cruel ainda. Aquela serpente come os filhos ao nascer e o Ceará os come em todas as idades. (TEÓFILO, Rodolfo, p. 81, 1980).



Maldosamente, pessoas ligadas ao Governo espalharam um boato pelo qual uma garota de apenas dois anos havia falecido em consequência da vacina anti-variólica. Foi publicado no jornal da situação, *República*, em 11 de março de 1905, a nota abaixo:

A meningite, sucumbia hoje nesta capital uma interessante criança, pertencente a distinta família cearense, chegada ultimamente do Maranhão. Estamos informados que a inditosa criança fora há poucos dias vacinada pelo Sr. Rodolfo Teófilo, e se achava ainda em período de plena erupção vacínica, o que dá lugar a bem-fundadas suspeitas.

A nota representou uma represália a um relatório mensal publicado por Rodolpho Theóphilo no qual ele denunciava a negligência das autoridades sanitárias em relação a dois doentes desembarcados por navios em passagem por Fortaleza.

Observe-se que a nota não registra o nome da criança, nem de sua família, o que daria uma conotação de veracidade ao fato.

As notas de ataque e defesa da vacinação se repetiam até que o Governo ameaçou efetuar um rigoroso inquérito para apurar responsabilidades. Rodolpho Theóphilo, que nunca fugira de uma acusação, insistiu com o Governo para que o inquérito fosse realizado, o que nunca aconteceu, o que nos leva a crer que o factóide da morte da criança em consequência da vacinação era mais uma aleivosia contra Theóphilo.

Os jornais do governo insistiam e batiam sempre na mesma tecla. Rodolpho Theóphilo só conseguiu uma trégua quando, tomando todas as precauções possíveis enviou amostras da sua vacina para serem analisadas pelo Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro, que a aprovou sem nenhuma restrição, em um laudo datado de 10 de maio de 1907, assinado por Dr. Figueiredo Vasconcelos, que relatava sobre a eficácia da vacina, que fora aplicada em crianças e que apresentaram “o melhor resultado possível.

Com o certificado em mãos, Rodolpho criou nova disposição e mandou publicar no *Jornal do Ceará* um novo anúncio, provocando as autoridades sanitárias do governo:

Rodolfo Teófilo continua a vacinar em sua residência, todos os dias, de uma às quatro da tarde, enquanto o Sr. Inspetor de Higiene, atual Secretário Estadual de Saúde), não determinar o contrário.

O Governo Acciolly não se atreveu a tomar qualquer medida contra o vacinogênio do Sr. Rodolpho, que continuou a funcionar na rua Visconde de Cauhipe, atual Avenida da Universidade.

Os sertanejos quando chegavam a Fortaleza, famintos e portadores da varíola eram amontoados, uns sobre os outros, nos desumanos e infectos abarracamentos. Para complicar mais a situação e disseminar a peste, eles se localizavam a barlavento de Fortaleza.

Estendeu a vacinação pelo interior do Estado formando Comissões de Vacinação através de seus órgãos sanitários. Por fim, sentiu-se recompensado por haver ajudado a erradicar a Varíola do Ceará, tendo reconhecido seus esforços através os jornais de vários Estados tais como: *O País*, *Rio de Janeiro*, *A República*, *Piauí*, *A Folha Nova*, *São Paulo e A República*, *Rio Grande do Norte*. Recebeu a Insignia de Varão Benemérito da Pátria, outorgada pelo Congresso Federal.

Quem melhor o definiu em relação à sua humilde origem e posterior polivalência foi Adelaide Gonçalves, na Apresentação de *O Caixeiro*:

“Menino pobre e órfão, caixeiro-vassoura, jovem aprendiz de professor, o farmacêutico doublé de médico, o intelectual entre livros e remédios, o historiador das secas, o contista, o memorialista, o leitor impregnado de cientificismo, o retratista de cenas e tipos, o fabricante de cajuína e do vinho do caju, o missionário, o ardoroso abolicionista, o poeta, o manipulador de fórmulas químicas, o homem de ciência e investigador incansável, o benemérito pioneiro da saúde sanitária e da epidemiologia no Ceará, o jornalista, o cronista, o polemista”. (TEÓFILO, Rodolfo, p. 13, 2003).

A figura ímpar de Rodolpho Theóphilo suscitou sempre na sociedade cearense muita admiração, por suas posições corajosas, seu espírito humanitário, sua disposição de jamais medrar mesmo ante fortes e poderosos adversários.

Por sua história de vida, sempre se dedicou de forma desinteressada trabalhando na prevenção das pestes que infestavam o Ceará, terra a quem amou mais do que qualquer outro interesse, nos períodos calamitosos das secas, “que iam e que vinham” periodicamente.

Diatahy Bezerra de Menezes na apresentação de *Rodolfo Teófilo, o Apóstolo Leigo*, apresenta a sua visão de Rodolpho Theóphilo nos seguintes termos:

Dessa ancestralidade profundamente arraigada nas origens da província e na cultura que bebeu nas tradições de família, herdou por certo várias de suas inclinações tais como o amor visceral pela terra cearense, um agudo senso de observação e de compreensão de sua parte, de seus costumes, virtudes e defeitos, sua vocação de pesquisador especialmente voltado para questões de saúde coletiva, aliado ao seu talento ficcional, de atento anotador da história imediata de que foi um de seus protagonistas atilados e, sobretudo de dignidade pessoal, de bravura e independência. (MENEZES, p.VII, 1997).

Clodomir Teófilo, em seu livro *Crônicas e Críticas* comenta e enaltece o arrojo e pioneirismo do cientista Rodolpho Theóphilo, comparando-o a Oswaldo Cruz:

[...] o mesmo que Rodolfo Teófilo fizera no Ceará (a expensas do próprio bolso), com a eficácia de sua vacina antivariólica, Oswaldo Cruz logrou fazer, no Rio de Janeiro e no Pará, com referência à febre amarela, à malária e à própria varíola. (TEÓFILO, Clodomir, p. 91-92, 1882).

## 5 Panorama político

No período que se estende do crepúsculo do Século XIX ao alvorecer do XX, quatro protagonistas importantes e polêmicos ocuparam os espaços políticos do Ceará.

O comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, um oligarca que, graças à sua habilidade de negociador e ao carisma pessoal e principalmente pelas características da Política Nacional, dominou o Ceará, de 1892 até 1912; o padre Cícero Romão Batista, um carismático líder religioso e político com grande influência no Sul do Estado, o jornalista João Brígido e o farmacêutico Rodolpho Theóphilo.

Todos possuidores de personalidades fortes, polêmicos, endeusados por uns e contestados por outros, numa época em que a política se desenvolvia em um clima de muita virulência verbal e de radicalismos.

À exceção de Rodolpho Teóphilo, que sempre pautou sua linha de conduta pela coerência, os demais, durante suas trajetórias políticas, nem sempre lastreadas em ideologias, porque mais voltados para o exercício do Poder.

Por vezes, até mesmo adversários ou inimigos políticos se aliavam, em função de interesses ou de circunstâncias.

João Brígido, por exemplo, no início do Governo Accioly foi seu aliado, rompeu com ele e passou a ser um seu ácido crítico durante todo o longo período de oligarca, posteriormente, no período seguinte associou-se a seu grupo político com a finalidade de derrubar Franco Rabelo.

Torna-se indispensável imergimos no clima político que regia o relacionamento do Governo Federal, localizado no Rio de Janeiro, com os Estados e Municípios para que seja possível contextualizar a política vigente no Ceará.

A Monarquia, havia sido deposta sem nenhuma participação popular, fruto de um movimento militar muito influenciado pelo positivismo de Augusto Comte, apanhou a todos de surpresa, uma vez que partiu de cima para baixo. O povo assistiu bestializado e atônito ao movimento predominantemente militar.

Um governo emblemático do início da República, por suas dificuldades, foi o do Presidente Campos Sales. Ao assumir o Governo, deparou-se com uma situação financeira crítica herdada ainda do tempo do Império e não equacionada nos incipientes governos republicanos.

Além do aviltamento do preço do café, causado pelo excesso de produção em safras anteriores, foi obrigado a assinar um acordo financeiro denominado “Funding Loan”, um empréstimo de consolidação da dívida externa, dando como garantia a receita oriunda da Alfândega e implantando um severo programa de combate à inflação.

Todos esses fatores limitantes o levaram a adotar uma postura política que ficou conhecida como a “Política dos Governadores”, que se traduzia em apoiar em cada Estado, o coronel, que detivesse o poder, transformando-os em governadores, dando-lhes plenos poderes, para compensar a falta de recursos e deles só exigia o apoio dos senadores e deputados federais para a aprovação de matérias de seu interesse nas respectivas instituições federais.

Os governadores, por seu turno, seguiam uma política semelhante. Evitavam imiscuir-s em querelas paroquiais nos municípios e aprovavam sempre os atos dos coronéis, que dividiam o Estado em regiões, tais como as antigas Capitâneas Hereditárias, onde exerciam o poder de forma indiscriminada com métodos baseados na força, com homens armados. Todos os que trabalhavam para eles participavam, quando necessário, da defesa de seus interesses e propriedades, como se guerreiros fossem.

Por vezes, os coronéis acoitavam cangaceiros e apoiavam bandidos fugitivos de outros estados, para reforçar as suas milícias pessoais.

Por ocasião das contendas, os governadores aguardavam impávidos e indiferentes o desfecho das lutas, acolhendo sistematicamente o lado vencedor como seu aliado. A partir daí, concedia-lhe poderes discricionários, desde que o apoiassem incondicionalmente na Assembléia Legislativa. Exatamente ao que se assiste nos dias de hoje, afinal “é dando que se recebe”?

Certamente, o sistema vigente, não era nem democrático, nem justo. Não havia nenhuma preocupação com a distribuição de renda ou em proporcionar uma melhor qualidade de vida aos mais carentes.

Nesse cenário, assistiu-se ao florescimento, em praticamente todos os estados da Federação, se é que poderíamos usar esse nome, as oligarquias que se perpetuavam e dentre elas se destacaram, do Norte para o Sul: no Rio Grande do Sul, os Castilho, no Paraná, os Machado, em Alagoas, os Malta, em Pernambuco, os Rosa e Silva, no Rio Grande do Norte, os Maranhão, no Ceará, os Nogueira Accioly, no Pará, os Lemos e no Amazonas, os Nery.

Observa-se que, nos Estados mais desenvolvidos, Rio de Janeiro e São Paulo o poder não se concentrava nas mãos de uma só família, dividia-se por várias, provocando grandes disputas e, ou, alianças.

As eleições eram apuradas através das “famosas” Atas que traziam sempre a vontade do Coronel e cujo resultado representava o “justo reconhecimento de sua abnegada administração na intransigente defesa do interesse de seus eleitores”, pelo menos era o que a propaganda oficial apregoava...

Vigia na ocasião, ainda como uma herança do Brasil-Colônia, o Patrimonialismo, mediante o qual as autoridades constituídas não estabeleciam nem um limite ético ou legal, entre a *res publica* e o seu patrimônio.

Os Estados podiam ser divididos em dois grupos: os Burocráticos e os Patrimoniais.

Nos primeiros, prevaleciam as normas impessoais e racionais que garantiam aos indivíduos a prevalência de seus direitos jurídicos e nos quais o interesse do bem público reinava soberano.

Enquanto isso, nos Estados Patrimoniais predominava o “funcionário patrimonial” cuja gestão colimava a atender os seus interesses

particulares, tais como, as funções, os empregos, as vantagens financeiras na contratação de serviços públicos. Os funcionários admitidos não eram de acordo com sua competência, mas prevalecia o relacionamento pessoal, por sangue ou amizade.

Os oligarcas preocupavam-se sobremaneira em aquinhoar sua família e apaniguados com empregos públicos, em que a consanguinidade pesava muito mais do que a habilitação para o exercício do cargo. O “protegido” apresentava-se sempre como o candidato com maior mérito. O que ele, eventualmente ignorasse, aprenderia com a prática. Na vida real seria o seu único aprendizado.

A imprensa sofria de uma limitação muito grande em sua liberdade, numa época suas pautas se direcionavam preferencialmente para a política, sempre de forma radical, sem poupar sequer a honra pessoal ou familiar. A adjetivação excessiva representava a tônica dominante nos fulminantes artigos estampados nos periódicos, que eram disputados avidamente pelos leitores, que se deleitavam com as polêmicas entre os jornais da Situação e da Oposição. Não se conhecia o meio-termo ou o equilíbrio. O jornal se posicionava nitidamente a favor ou contra o governo. Predominava o radicalismo. Defendiam o governo, *O Tempo* e *O Jornal da República*, enquanto na oposição, o *Jornal do Ceará* atacava, sem tréguas o Governo. Posteriormente surgiu *O Unitário*, dirigido pelo combativo João Brígido para reforçar a Oposição.

Quando a agressão superava os limites aceitáveis havia sempre a possibilidade de dar uma surra no jornalista faltoso ou a disputa partir para um desforço pessoal.

## **6 Atuação política**

Nesse cenário conturbado em que o Brasil vivia, inesperadamente o regime político passa de Monarquia a República.

Se na Capital a sociedade foi surpreendida com o advento da República, nos Estados com mais razão, principalmente pela precariedade vigente nos meios de comunicações, a surpresa foi ainda maior.

As forças políticas nos Estados procuraram rapidamente reagrupar-se, face ao novo regime político, ocasião em que, involuntariamente, adquire grande relevância no Ceará, uma das mais polivalentes e polêmicas das personalidades influentes no início do século XX: Rodolpho Teóphilo.

Torna-se difícil estudar a sua vida de forma estanque, uma vez que há três vieses, que se misturam e podem confundir o estudioso da matéria; sua atuação como sanitarista no combate à varíola, como político na oposição ao governo de Nogueira Accioly e como escritor, quando produziu 28 livros.

Farmacêutico, destacou-se como um dedicado agente proativo na área da saúde pública principalmente na vacinação contra a varíola, na seca de 1900, quando foi escolhido pela oposição como a bandeira a ser desfraldada contra o Governo de Nogueira Accioly, passando então, a desempenhar involuntariamente um papel político.

Iniciou-se como escritor e se autodefinia como:

“Coube-me ser o cronista dos infortúnios do Ceará nesse meio século. Tive de contar a fome de todas as secas naquele período que está sempre entre uma seca que vai e outra que vem”. (TEÓFILO. p. 1, 1915).

Seus detratores mostravam-se impiedosos com o seu estilo literário e com os maus-tratos gramaticais, o que pode ser justificado por sua formação científica e o objetivo predominante, principalmente em seus primeiros livros, de denunciar ao Sul do país as condições subumanas a que eram submetidos milhares de cearenses que periodicamente se viam na contingência de abandonar suas casas em busca de água para mitigar a sede e comida para matar a fome.

Viajavam léguas e mais léguas, sob um sol escaldante nas estradas poeirentas, numa jornada em que só os mais fortes sobreviviam e assim mesmo, os poucos que conseguiam chegar a Fortaleza, eram cadáveres ambulantes, em sua maioria portadores de pestes contagiosas.

Muitas famílias assistiam impotentes à perda de entes queridos e, com o tempo, tornavam-se embrutecidas, verdadeiros animais pelos sofrimentos diários, que pareciam não ter fim.

Sentiam-se abandonadas, órfãos dos governos insensíveis em todos os níveis.

Em 1878, no auge de um triênio de secas que assolaram duramente o Ceará, um Senador pelo Rio Grande do Sul, o Sr. Silveira da Mota visando reduzir a ajuda do Governo Federal ao Ceará alegara que não havia seca no nosso Estado, que ocorria um exagero intencional uma vez que o Ceará exportava toneladas de farinha para outros Estados.

Os senadores pelo Ceará, José de Alencar e Domingos José Nogueira Junior assumiram uma posição, no mínimo indefensável. O primeiro, por ignorância ou má-fé política disse que, habitualmente o inverno no Ceará só se iniciaria em junho e o segundo permaneceu calado.

Rodolpho Theóphilo, indignado, só sossegou quando após minucioso levantamento nas certidões da alfândega, provou em seu livro *História da Seca no Ceará* que não saíra um grão sequer de farinha do Ceará no referido período, e, assim, demonstrou que o Senador Silveira Morta havia falseado a verdade. Dessa forma, Rodolpho sentiu, bem fiel ao seu amor ao Ceará e à verdade, que havia desfeito a mancha de uma mentira histórica e que custara centenas de vidas dos cearenses.

Em sua vasta obra literária, Rodolpho ressalta aos olhos dos observadores os principais vetores: o seu amor ao Ceará, o seu profundo conhecimento do sertão cearense, da cultura do sertanejo, da natureza, da vegetação, do clima, dos animais, dos períodos de seca, dos problemas fundiários e políticos, que muitas vezes se confundiam, revelando-se simultaneamente o historiador, o sociólogo, o geógrafo e cientista.

Vê-se também uma preocupação constante em duas direções: denunciar ao Sul do País a desgraça do povo cearense, principalmente nas épocas de seca e o desejo constante de deixar para as gerações pósteras provas inequívocas de seu trabalho abnegado de sanitalista, anulando o que seus inimigos apregoavam, buscavam assim o reconhecimento.

Só passou a ser combatido pela Oligarquia Nogueira Accioly quando editou o seu livro: *Variola e Vacinação no Ceará*, 1ª parte, em 1904.

Naquele livro, o governo sentiu-se atingido, não só por suas críticas à inexistências de políticas sanitárias públicas, mas também pelos constantes autoelogios, decidiu partir para uma ação mais radical. Demitiu-o do cargo de professor do Liceu do Ceará, após 20 anos de serviço, sem nenhuma indenização, usando o artifício de extinguir a cadeira de Mineralogia, Geografia e Meteorologia da qual era vitalício. Foi então transferido, à sua revelia, para reger a cátedra de Lógica, matéria que desconhecia.

Como se recusou a assumir a nova cadeira, foi sumariamente demitido. Entrou com um recurso administrativo que o Governo sequer dignou-se a responder. Em seu livro, *Violência*, publicado em 1904, apresenta toda a perseguição de que foi vítima com a publicação dos Decretos que o demitiram.



Rodolpho não desanimou apesar da redução de seu orçamento familiar. Continuou a desempenhar o seu papel de Dom Quixote, montado em uma burra a percorrer as “areias” como um verdadeiro cruzado vacinando as populações carentes. Faltava-lhe apenas Sancho Pança, o fiel escudeiro.

Vivia o Ceará, duas realidades. Em Fortaleza, predominava o comércio. Com o crescimento do comércio, surgiu a burguesia, esta se sentia asfixiada pelos pesados impostos, enquanto nos municípios o latifúndio, com baixa produtividade, que explorava a mão de obra não qualificada que trabalhava em condições subumanas sob o jugo impiedoso dos feitores prepostos dos coronéis.

O comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, ex-senador no tempo do império, não tendo assumido pelo advento da República, desde 1892 dava as cartas na política do Ceará, como 1º. Vice- Presidente. Em 1896, elegeu-se Presidente do Estado.

Em 1900, o Dr. Pedro Borges que havia sido eleito para contrapor-se a Nogueira Accioly, foi envolvido arditamente por ele com quem estabeleceu uma aliança política, mediante a qual quando concluísse o seu governo seria eleito Senador e apoiaria Nogueira Accioly para retornar ao governo.

A aliança adquiriu tal contorno que Pedro Borges humildemente declarou: “Aqui sou apenas o vaqueiro, o dono dos bois é o comendador Accioly”.

Nogueira Accioly, no senado, cultivou amizades fortes e duradouras de suma importância para as suas ambições políticas futuras. Como parte do acordo, Pedro Borges foi eleito para o Senado e ele retornou ao Governo do Estado em 1904. Foi uma típica “troca de cadeiras”. Foi reeleito para o período seguinte de 1908 a 1912.

Ele, como quase todos os ditadores, permanecia encastelado nos confortáveis e felpudos tapetes do Palácio da Luz, endeusado pelos áulicos do Poder, muito longe da população. Muito dos desmandos se processavam à sua revelia, mais por conta de familiares, que ocupavam os principais cargos no governo.

Destacam-se como pontos importantes de seu Governo a construção do Teatro José de Alencar, o Mercado Municipal e a criação da Faculdade de Direito da qual foi diretor.

Embora grande parte da literatura disponível a respeito de seu governo lhe faça uma pesada crítica, a sua habilidade política lhe gran-

jeara apoios importantes como o do Padre Cícero, com enorme influência no Sul do Estado, secundado por Floro Bartolomeu, seu fiel seguidor e braço armado, do Padre Quinderé, do governador Pedro Borges e de Graco Cardoso, um sergipano que, de seu protegido, foi galgando cargos importantes como o de vice-governador, chegando a assumir, embora por poucas horas, o cargo de governador do Estado.

Muitos de seus importantes amigos publicaram depoimentos muito favoráveis em um opúsculo editado pelo Estabelecimento Gráfico A.C. Mendes, em 1921, intitulado *In Memoriam*. Dentre eles destacam-se Barão de Studart, Dr. Antônio Augusto de Vasconcellos, Dr. Raymundo Arruda, Dr. Olívio Câmara, Dr. Raymundo Francisco Ribeiro, Dr. Alfredo Castro, Dr. Domingos Bonifácio, Desembargador Luiz Gonzaga, Dr. Carlos Livino de Carvalho, Ramos Netto, Prof. Thomaz A. de Carvalho, João Câmara Filho, Joe Pinto C. de Albuquerque, Climério Campos e Dr. R. Gomes de Matos.

Os depoimentos são uma demonstração do apreço que nutriam pelo “velho” Accioly, com uma preocupação constante de demonstrar a sua visão administrativa, a sua tolerância com os adversários políticos e a sua probidade administrativa.

Os métodos administrativos de seu governo estavam desgostando profundamente a população por fortes indícios de corrupção nas obras e serviços públicos, pela violência policial por parte da Polícia Militar que era comandada por seu genro, Raimundo Borges e pelo nepotismo exagerado. Sua família ocupava mais de cinquenta cargos no governo e a taxaço tributária parecia excessiva aos olhos dos comerciantes.

Para agravar a situação vigente, a população conhecia, com riqueza de detalhes, os métodos espúrios adotados, tanto no alistamento eleitoral, como nas apurações de votos viciadas através das “atas” forjadas.

Para o alistamento do eleitor exigia-se o Atestado de Residência, o que seria perfeitamente cabível, exceto pelo fato da Polícia, a responsável pela emissão do documento, só emití-lo para os partidários do Comendador Nogueira Accioly.

Outro expediente condenável no alistamento eleitoral foi a aprovação de uma Lei pela Assembleia Legislativa, totalmente dominada pelo grupo de Accioly, pela qual os eleitores poderiam impugnar o registro de outros eleitores quando descobrissem a falta de algum documento. O que ocorria na prática é que, na calada da noite, pessoas ligadas ao governo,

retiravam documentos das pastas dos eleitores da oposição, anotavam os seus nomes, entregando-os a algum simpatizante do governo que, apoiado na lei, cassava o registro daqueles eleitores.

Se havia esses expedientes condenáveis, por outro lado, o Comendador Nogueira Accioly possuía seus intransigentes defensores entre eles o historiador Raimundo Girão que emitiu esse juízo sobre o seu primeiro quadriênio de governo:

Sem cultura humanística e filosófica, mostrou, no entanto, neste período de governo, as mais positivas qualidades de chefe, notável líder que por dezesseis anos controlaria, pode dizer-se de modo personalíssimo, a administração e a política de sua terra (GIRÃO, p. 212, 1953).

O monsenhor José Quinderé, incondicional amigo do comendador, em carta a Hugo Victor ressalta os benefícios do governo Accioly, citando a construção das linhas telegráficas ligando as cidades entre si, a instalação da Faculdade de Direito e a construção do Teatro José de Alencar.

Um outro grande intelectual cearense, Yaco Fernandes, estudioso da política cearense da época, assim se expressou:

De qualquer modo, com seus defeitos e suas limitações, mesmo com a fraqueza básica que tornara possível a sua queda - o comendador Accioly é um grande homem cearense e o resumo vivo de tudo que dá existência e fim à oligarquia (FERNANDES, p. 218, 1977).

Certamente o longo período em que permaneceu no governo, as endêmicas dificuldades econômicas do Governo e a violência da Polícia contribuíram para que a oligarquia chegasse ao fim.

O regime político adotado esgotou-se. O descontentamento reinante em Fortaleza, corporificou-se na adesão maciça à candidatura do General Franco Rabelo, genro de Clarindo de Queirós, que havia servido há alguns anos ao Exército em Fortaleza.

Na realidade, a rejeição ao Governo Nogueira Accioly funcionava mais para empolgar a oposição que o nome do General Franco Rabelo. Mudanças eram exigidas. A comunidade fortalezense convergiu então de forma apaixonada e irracional para apoiar o General Franco Rabelo.

A sociedade, congregando suas mais representativas figuras, organizou duas passeatas com o objetivo de convencer a população

a sufragar o nome de Franco Rabelo, na próxima eleição a realizar-se ainda em 1912.

A primeira, realizada no dia 14 de janeiro de 1912, ficou conhecida como a Passeata da “Liga Feminista” (o sentido era diferente do atual) transcorreu na mais perfeita ordem, porque foi supervisionada pessoalmente pelo Cel. Faustino da Silva, Inspetor da 4ª Região de Inspeção Permanente, correspondente hoje ao Comandante da 10ª. Região Militar e sem a participação da polícia.

Na semana seguinte, no dia 21, houve a Passeata das Crianças. Como o governo sentira-se ameaçado pela adesão em massa à passeata anterior, não solicitou o apoio do Cel. Faustino, optando por determinar à Cavalaria da Polícia que dissolvesse a Passeata das Crianças. Numa carga da cavalaria, uma das crianças foi morta e a população ficou enfurecida e sem controle.

Estava selado o fim da Oligarquia Accioly. Durante três dias, Fortaleza ficou um pandemônio com civis atacando e matando policiais, o comércio fechado, barricadas impedindo o fluxo de mercadorias. A situação agravou-se ao ponto da população tomar os prédios da Delegacia Fiscal, da Cadeia Pública e da Alfândega, cujos soldados desertaram receosos da população enfurecida.

Após sucessivas e tensas reuniões entre o Comendador Nogueira Accioly e o Cel. Faustino, o primeiro sentindo ser insustentável a sua situação, renuncia no dia 24 e se refugia com a família na 4ª Região de Inspeção Permanente.

A cidade voltou ao normal e a oposição demonstrou muita maturidade, quando um de seus líderes, Agapito dos Santos, discursou para o povo, com muita habilidade acalmando-o, permitindo assim que o Oligarca e seus familiares embarcassem para o Rio de Janeiro a bordo do navio Pará sem nenhum percalço.

## **7 Sua obra literária**

Se foi combatido por suas Campanhas de Vacinação, na realidade, onde se observam maiores restrições a ele, estas se situam na sua extensa e longa obra literária, composta por 28 livros, de quase meio século, iniciada em 1883, tendo se estendido até um ano antes de sua morte, ocorrida em 1932.

Pode-se tentar justificar seu estilo, muitas vezes rude, por ser um escritor da escola Realista-Naturalista com uma forte influência filosófica do Positivismo.

No seu primeiro romance, *A Fome*, descreve com toda a crueza episódios ocorridos durante a seca de 1877 a 1890, como registrou:

O fazendeiro se aproxima e vê uma massa preta a mover-se, olha com mais atenção e vê que centenas de morcegos que se envolvem ali grunindo. Observa atentamente e com surpresa divulga encravados na pretidão da nuvem dois pontos azuis aureolados de branco. Eram olhos, e olhos humanos. Aproxima-se mais e tocando o pelo dos animais procura enxotá-los. Poucos foram os que voaram, deixando o repasto. Rarefeito o véu negro, percebe o fazendeiro as formas de um corpo de uma criança. Os morcegos agarrados, sugam o sangue, embora de tão cheios já não pudessem voar. O último se enchia, indiferente à matança dos companheiros, agarrado ao lábio inferior da menina. Freitas procura arrancá-lo, o cadáver do morcego cede, porém trazendo quase todo o beijo da menina. (TEÓFILO, p. 31, 1979).

O leitor mais sensível sentir-se-ia profundamente incomodado com o realismo da cena e teria dificuldades em continuar a leitura.

Escreve impiedosamente, com a consciência cartesiana que caracteriza os homens de ciência, utilizando adjetivações candentes em suas descrições, capazes de chocar até mesmo os mais empedernidos corações. Não usa meias palavras e, ao contrário dos escritores românticos que, por não suportarem a realidade, se refugiavam na retórica das frases bem construídas e de rimas sonoras, ele fustigava, com vigor, tal qual o vaqueiro chicoteava, sem piedade o seu cavalo faminto e exausto, Rodolpho denunciava, com a aridez de sua pena pontiaguda, o sofrimento de seus conterrâneos, ainda que rasgasse as vísceras de seus leitores, sem ter em vista esse objetivo, mas desejando sensibilizar as autoridades do Governo Federal. Em sua obra apresenta-se mais como uma testemunha da miséria, um denunciante da pobreza, da angústia, da fome, do que um escritor preocupado com a sintaxe ou com a elaboração de uma frase de efeito.

Rodolpho Theóphilo vai além e descreve outro episódio candente enfocando desta feita a autofagia:

O faminto leva a ferida à boca e, com uma avidez que desarma e comove Freitas, suga o sangue que sai do ferimento, um sangue in-

color como o dos insetos. A sucção era feita com uma gula infrene. O faminto parecia querer sugar pela ferida todos os líquidos do corpo. Nem mais vertendo o ferimento, começou a comer as próprias carnes. (TEÓFILO, p. 35, 1979 ).

Além desse viés da escola realista, por sua formação científica, foi sempre ligado às ciências exatas, ressaltava o seu compromisso de relatar o que testemunhara com cores muito cruéis capazes de chocar mesmo os mais insensíveis espíritos.

Os seus críticos emitem opiniões tão díspares sobre ele que dão a impressão de estarem escrevendo sobre dois autores:

Adolfo Caminha, autor de *A Normalista*, um de seus mais cruéis críticos, afirmava que “ele podia ter todas as qualidades de um bom cidadão, mas em tempo algum conseguirá um lugar proeminente na literatura nacional”.

Em relação ao *Os Brilhantes*, Adolfo o vê como uma “leitura difícil e desprezível, não só porque carece das qualidades de uma obra de arte, como pela multiplicidade enfadonha de fatos e cenas, cuja repetição sem interesse real para o estudo do tipo nos podia ser poupada.

Outro crítico, José Veríssimo assim se expressa em relação ao *Paroara*: “romance de linguagem incorreta, pobre, descolorida, pouco artística”.

Rodrigues de Carvalho, na crítica ao livro de Rodolpho, *Maria Rita* observa “um descuido de linguagem. Despreocupação com o estilo e muita inverossimilhança na observação e análise”.

Outras imperfeições de linguagem são encontradas em seus textos, entre a quais citam-se “peitava” por “atacar” a monarquia, “baldeamento” de raças por “mestiçamento”, uma firma situava-se “há poucos metros” de outra, talvez o patrão “não fosse um mal sujeito”; tripulantes expulsos de um navio foram “deserdados”; “ninguém deu por conta disso”, isto é ninguém se deu conta de; “caiu no goto”; “achques”, para melhor indicar ataques de desfetos, Jenner “descobriu” a vacina contra a varíola; a situação de Fortaleza parecia “sobre controle”; tal político “conspirava junto com Pinheiro Machado”, quando conspirava “junto a”. (*O Globo on line*, Prosa e Verso, 27.11.1999).

Em suas obras, sente-se o chamamento constante, a necessidade premente. Talvez se tivesse escrito em uma conjuntura mais favorável,

tivesse em mente a beleza do texto, garimpasse melhor as palavras, dando-lhes um sentido mais apurado e , ao mesmo tempo, adotasse um estilo literário mais elegante.

Paulo Elpidio de Menezes Neto, na apresentação do livro *A Seca de 1915*, de autoria de Rodolpho Theófilo, na edição da UFC, de 1980, assim se expressou:

Em *A Seca de 1915* o autor se revela o mesmo observador imparcial, o mesmo pesquisador arguto, honesto nas suas intenções, levantando um painel completo da seca, trazendo um depoimento verdadeiro e pungente do drama, com todo o seu cortejo de desgraças. A linguagem é correta, o estilo é simples, despojado, às vezes áspero, mas dinâmico, ao qual pode faltar elegância, mas sobram, em compensação, a riqueza de minúcias, o relevo que sabe imprimir às cenas terríveis que testemunhou e a realidade que sabe imprimir às cenas terríveis que testemunhou e a realidade na pintura dos quadros. (MENEZES, p. 5, 1980).

O seu primeiro livro, publicado em 1883, *História da Seca do Ceará-1877 a 1879*, representa um verdadeiro libelo contra as autoridades, ao mesmo tempo que retrata cenas horríveis nas quais o ser humano se animaliza para tentar sobreviver em um mundo onde só os mais fortes o conseguiam.

O livro, contendo mais de 500 páginas, era ilustrado com fotos dos famintos e de plantas desconhecidas no sul do país, que eram usadas como alimento, fornecedoras de água e de remédios.

Foi tão bem recebido este seu primeiro livro no Rio de Janeiro que representou o seu passaporte para ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com sede na então Capital Federal.

Muitos nomes representativos das letras brasileiras manifestaram-se a respeito da obra de Rodolpho Theóphilo em seus 28 livros.

Abelardo Montenegro assim se manifesta:

O romance de Rodolfo Teófilo constitui um aparelho de proclamação evangélica, de combate ao mal, de reprovação ao vício e de exaltação da virtude. Não registra apenas o crime. Ataca-o de rijo. O enredo sofre os efeitos da digressão; mas o romancista não perde a chance de moralizar.

Essa tendência evangelizante não foi compreendida pelo romancista Adolfo Caminha, quando critica, em Teófilo, os longos sermões de moral, esses arranjos montepianos de cenas falsas. (MONTENEGRO, p. 106, 1953).

Ângela Barros Leal comenta a forma da escrita de Rodolpho sob outra ótica:

Era naturalista, gênero que se adequava plenamente o seu jeito de pensar, traduzindo em parágrafos candentes a revolta contra o sofrimento de seus contemporâneos. (LEAL, *O Povo*, 8 de fevereiro de 1989).

Antônio Sales, seu grande amigo, no entanto, procurou ser isento em relação os pontos fracos de seu estilo em um artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 9 de janeiro de 1909:

A crítica tem por mais de uma vez censurado a este escritor a feição pouco artística e mesmo incorreta do seu estilo.

Não podemos com sinceridade tomar a defesa e confessarmos lealmente que a acusação é fundada.

Rodolfo não teve esse tirocínio literário que cedo encaminha os escritores para o aperfeiçoamento gradativo da forma, e pensamos mesmo que ele é por índole refratário a essa disciplina lenta e penosa da linguagem.

Se ele possuísse um estilo correspondente à sua portentosa imaginação e às faculdades observadas, seria um dos primeiros romancistas brasileiros, talvez o primeiro, depois de Alencar.

Araripe Junior, em estudo sobre *Os Brilhantes* publicado na *Província do Pará*, assim se expressa:

Não se pode dizer que a Rodolfo Teófilo escapassem as situações indispensáveis à boa marcha da história de Jesuino Brilhante. Ao contrário disse o esqueleto do romance é completo e nada lhe falta no que diz respeito ao conflito indispensável ao desenvolvimento da senha e da queda do assassino. (idem, p. 15).

Para defender-se das pesadas acusações de charlatão e mercenário usou todos os recursos à sua disposição; principalmente em artigos nos jornais da oposição e em livros publicados, quase todos tendo como objetivo apresentar às gerações pósteras uma imagem de benfeitor, de protetor dos humildes, do sanitarista que erradicou a varíola do Ceará.



## 9 Rodolpho Theóphilo e a frenologia

A Frenologia, em nossos dias, encontra-se relegada à categoria de mito, mas marcou um progresso considerável no início do século XX, sendo uma das bases do Positivismo.

Atualmente a Frenologia representa apenas um interesse histórico pelos estudos que desenvolveu.

No entanto, por aquelas teorias, não caberia ao personagem central do livro, Jesuíno, nenhuma interferência sobre o instinto de violência. Seu destino já havia sido traçado pelos genes herdados de seus antepassados. Com essa interpretação errônea, Rodolpho, de uma só vez, eliminava dois importantes componentes na formação do ser humano: a educação e a influência do meio social. Assim se expressou em *Os Brilhantes*.

[...] quando um sério desequilíbrio nas qualidades psíquicas do Brilhante veio alterar a placidez que havia alguns anos, reinava naquela habitação.

Uma mudança radical havia se operado naquela criatura. Portador de nevrose do homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, mas até então latente, Jesuíno teria logrado viver sem matar, se não tivesse sido testemunha do assassinato de seu parente. A nevrose explodiu com violência. Ao período de atordoamento, no qual parecia por completo suspensa no Brilhante a inteligência, a essa crise de atordoamento de suas qualidades psíquicas, sucedeu um acesso de loucura, cujo furor via-se-lhe estampado no semblante.

Com o olhar cintilante e desvairado, um olhar que feria, com os músculos do rosto em dança constante, Jesuíno se achegou ao morto e molhando o dedo indicador no sangue, muito vivo e muito rubro que enospada o cadáver, fez uma cruz na coroa do bacamarte. (TEÓFILO, p. 77, 1972).

Theóphilo, em outro texto, registra o que pensava sobre a origem da doença mental que atribuía a Jesuíno Brilhante;

Cazuzinha, tio materno de Jesuíno, começara também assim e chegou a conquistar triste celebridade no crime. O fazendeiro ainda tinha em mente as recordações terríveis da noite em que o cunhado lhe entrou porta adentro com as mãos ensanguentadas e quase louco. Os espasmos que lhe agitavam os músculos das faces, de que jamais se esquecera, são os mesmos que observa agora no rosto do filho. O mesmo olhar, a mesma alteração nos traços da fisionomia.

[...] A idéia da sorte que o esperava, associava-se à idéia tristíssima dos crimes de Cazuzinha, e o velho caía em uma penosa meditação, enchendo o cérebro dos mais lúgubres pensamentos (TEÓFILO, p. 85, 1972).

A família dos Soares a que pertencia Jesuíno Brillhante disputava com os Calandros a hegemonia política e, em consequência, desempenhava um papel relevante na economia do município, uma verdadeira tradição na cultura do interior nordestino.

Rodolpho Theóphilo, descrevendo os Calandros, revela todo o seu preconceito racial:

Os calandros formavam uma grande família de mestiços, vulgarmente chamados de cabras, no Norte do Brasil, produto do cruzamento do índio e do africano, e inferior aos elementos de que é formada. O cabra é pior do que o caboclo e de que o negro. É geralmente um indivíduo forte de maus instintos, petulante, sanguinário, muito diferente do mulato por lhe faltarem as maneiras e a inteligência deste. E, tão conhecida é a índole perversa do cabra que o povo diz: não há doce ruim, nem cabra bom. (TEÓFILO, p. 78, 1972).

Demonstra também uma visão equivocada em relação às raças criando uma gradação entre elas, como se pudessem ter uma escala, um rótulo, de maior ou menor de merecimento étnico.

Até o cabra, produto do africano com o nosso indígena, o mais inferior dos produtos, pode cativar o espírito. (TEÓFILO, idem, p. 78).

Ao se referir a Pedro Jurema, um personagem que se apossava do gado alheio, que matava pelo prazer de matar e mantinha populações em sobressalto, diz:

O mestiço é concupiscente como um bode, não pôs peia ao seu Temperamento (TEÓFILO, idem, p. 120, 1972).

Buscando definir os carneiros cede a uma perigosa generalização padronizando-os pelo tipo físico:

Os carneiros eram todos homens de grande porte, cabras de feia catadura e peludos como ursos. (TEÓFILO, idem, p. 129, 1972).

No decorrer do livro, Rodolpho não perde uma oportunidade de registrar sua visão preconceituosa, catalogando pessoas e famílias como se objetos fossem:

Aqueles preparativos de luta enchiam-lhes o espírito de contentamento. Estava na índole deles os desabaços, as vinditas, por isso no dia aprazado nenhum faltou à reunião. (TEÓFILO, idem, p. 120, 1972).

## 10 Participação em entidades culturais

### 10.1 Clube literário

Embora seus inimigos políticos tenham sido muito ácidos em relação à sua fragilidade literária, Rodolpho Theóphilo sempre conviveu com escritores e sentia-se muito à vontade nas diversas instituições culturais das quais participou como um de seus integrantes.

Sua primeira incursão nos grupos literários ocorreu no Clube Literário, fundado a 15 de novembro de 1886 e, de acordo com seus estatutos os objetivos seriam atingidos através de:

“[...] a manutenção de um órgão na imprensa, provendo conferências públicas, procurando relacionar-se com os vultos das artes e ciência, correspondendo-se com as corporações congêneres do império e do estrangeiro, e intervirá perante os poderes públicos quando assim for necessário” (*A Quinzena*, ano 1, n. 18, Fortaleza, 15 de outubro de 1887).

Entre os seus fundadores encontram-se os seguintes intelectuais cearenses: João Lopes, principal vulto do movimento, Antônio Bezerra, Antônio Martins, Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Farias Brito e Rodolpho Theóphilo.

Os objetivos a serem colimados pelo clube se apresentavam muito ambiciosos, com ares mesmo de onipotência, não só pela “correspondência com instituições congêneres do estrangeiro”, numa época de comunicações precárias e sempre se dependia do transporte marítimo, como também com a pretensão de influir nos destinos do governo “intervirá perante os poderes públicos quando assim for necessário”.

Rodolpho Theophilo atuou ativamente, participando das reuniões e escrevendo contos científicistas.

No número 18, de 15 de outubro de 1887, a revista reserva-lhe das oito costumeiras páginas, as de número 137 e 138, bem como parte da 139, onde figura o trabalho “Ciências Naturais -Ar e Atmosfera”. (AZEVEDO, Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1976)

O grande mérito de *A Quinzena* foi haver aberto espaço para a corrente literária realista-naturalista que dava seus primeiros passos através de Oliveira Paiva e Rodolpho Theóphilo.

## 10.2 Padaria espiritual

Foi um importante movimento literário fundado a 30 de maio de 1892, cujos membros inovavam e ousaram mesmo, diante do circunspecto Ceará do final do século. Não só em suas “fornadas”, mas também em artigos publicados em *O Pão*, predominavam a ironia e os tons de galhofa.

Sânzio Azevedo , com sua visão de profundo conhecedor da Padaria Espiritual a definia como:

Foi a Padaria Espiritual a mais original de todas as agremiações culturais do Ceará ou talvez do Brasil. Rompendo com o marasmo em que se arrastava a vida mental de Fortaleza de um século atrás, o grupo que liderado por Antônio Sales, não só fez rir a intelectualidade da terra, como repercutiu na Corte, com seu Programa de Instalação (1892), despertando a simpatia de nomes como Olavo Bilac, Araripe Júnior, Raimundo Correa, Costa Neto e outros luminares da literatura brasileira de então.

Mas ao lado do humor com que os “padeiros” proibiam “o tom oratório sob pena de vaia”, qualquer referência à rosa de Malherbes” ou os recitativos ao som do piano, havia o respeito ao que o passado nos legara , e por isso tiravam o chapéu quando se falava em Shakespeare, Dante, Hugo Goethe, Camões e José de Alencar...” (AZEVEDO, Fortaleza, Apresentação de Tese, 1992).

Suas reuniões se realizavam no Café Java, na Praça do Ferreira, de propriedade de Mané Coco, regadas a generosas doses de bebidas alcoólicas que eram consumidas em “quantidades industriais”.

O próprio Antônio Sales conta em seu livro *Retrospecto* a história da Padaria:

“A história da Padaria Espiritual a contar do dia em que entre o espanto da burguesia ignara, Ella afirmara a sua existência social na noite de 30 de maio de 1892, no prédio no.105 à rua Formosa.

Festa original, essa onde a boa gargalhada substituíra ao tonitroar da rethorica sedição e narcótica, destoando travessamente das lúgubres noitadas que se passam no recinto dessas sociedades literárias hirtas e parvas com os seus estatutos massudos, as suas Actas de Irmandade do Sacramento e a sua discurseria impante de eloquência de circo de cavalinhos- redundando tudo numa esterilidade desoladora e numa vulgaridade idiota. Pela primeira fornada da Padaria viu logo o povo que se tratava de uma cousa nova, que tinha chiste porém que parecia não muito sério, na acepção dada comumente a esta palavra. (FIUZA, p. 19. Fortaleza, 1992).”

Como se observa, o grupo que se estava instalando, pretendia inovar, trazendo ares novos nas atividades literárias da província, fugindo do lugar-comum e, ao mesmo tempo, demonstrando que os movimentos literários podem ser sérios, fugindo porém da susudez.

Em sua Tese de Mestrado, Regina Cláudia Pamplona Fiúza elenca os seus fundadores e respectivos nomes de guerra da seguinte forma:

Antônio Sales (Moacir Jurema), Jovino Guedes (Venceslau Tupini-quim, Tibúrcio de Freitas ( Lúcio Jaguar), Ulisses Bezerra (Frivolino Catavento), Carlos Vítor (Alcino Bandolim), José de Moura Cavalcante (Silvino Batalha), Raimundo Teófilo de Moura (José Marbril), Álvaro Martins (Policarpo Estouro), Lopes Filho (Anatólio Gerval), Temístocles Machado (Túlio Guanabara), Sabino Batista (Sátiro Alegrete), José Maria Brígido (Mogar Jandira), Henrique Jorge (Sarasate Mirim), Lívio Barreto (Lucas Bizarro), Luiz Sá (Corregio Del Sarto), Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia), Gastão de Castro (Inácio Mongubeira, Adolfo Caminha (Felix Guanabarino), José dos Santos (Miguel Lince), João Paiva (Marcos Agrata), (FIUZA, p. 22 e 23. Fortaleza, 1992).

Pela representatividade literária da maioria de seus componentes, pode-se avaliar a importância do movimento e por seus nomes de guerra o espírito excêntrico que predominava no grupo.

Inspiraram-se nas atividades industriais da panificação para a terminologia adotada na instituição, com muita audácia e originalidade.

O “Forno”, onde se realizavam as reuniões, “Fornada”, reunião, “Padeiro Mor”, presidente, “Primeiro-forneiro”, o secretário, “Amassadores” os demais participantes e *O Pão*, o jornal.

Os estatutos da Padaria Espiritual definiam que seu fim seria “fornecer pão de espírito aos sócios, em particular, e aos povos, em geral”.

Repetindo a onipotência do Clube Literário, a Padaria inicia as suas atividades sonhando mais alto do que a realidade quando expressa em seus Estatutos o desejo de fornecer “pão de espírito aos povos em geral”. Sem dúvida, volta a imperar a mesma mania de grandeza, anteriormente esposada pelo Clube Literário. Afinal muitos de seus componentes haviam pertencido àquela instituição.

Inicialmente, Rodolpho não participou da Padaria, embora Antônio Sales, seu fraterno amigo e que lhe dedicou sua obra-prima *Aves de Arribação*, o seu idealizador e redator do programa de Instalação.

O espírito sério de Rodolpho não se coadunava com a galhofa reinante na primeira fase dos “padeiros”.

Somente na reorganização da Padaria, em 1894, é que Rodolpho Theóphilo começou a participar da instituição, que na sua nova fase passou a reunir-se em sua casa, livre do tom jocoso inicial, dedicando-se a atividades sérias e essencialmente literárias. Nas reuniões, as bebidas alcoólicas foram substituídas pela cajuína. Mais uma vez, prevaleceu em Rodolpho a coerência que foi sempre o Norte de sua bússola durante toda a sua existência. Dentro dessa linha de conduta, fundou em seu sítio “Alto da Bonança”, localizado em Pajuçara, a Liga Cearense contra o Alcoolismo.

Foram Padeiros-Mor da Padaria Espiritual: Jovino Guedes, de 1892 a 1893, José Carlos Júnior, de 1894 a 1896 e Rodolpho Theóphilo, de 1896 a 1898.

Leonardo Mota assim registrou a participação de Rodolpho na Padaria

*Quando Rodolfo Teófilo cometeu o ato de bravura de sentar praça na milícia dos Panificadores, já colhera quarenta e uma flores no jardim de sua existência e estava em plena exuberância literária.*  
(MOTA, Fortaleza, p. 155, 1938).

Sânzio de Azevedo, membro da Academia Cearense de Letras, em seu trabalho *Grêmios Literários do Ceará na Segunda Metade do*

*século XIX*, ressalta a importância do papel literário desempenhado pela Padaria Espiritual nos seguintes termos:

Podemos dizer que a Padaria Espiritual consolidou o Realismo Cearense, com Rodolfo Teófilo, que já publicara *A Fome* em 1890 e depois publicaria *Os Brilhantes* em 1895 e *Maria Rita* em 1897. (AZEVEDO, Universidade Aberta, aula n. 14, Fortaleza, p. 25, 1984).

### 10.3 Instituto do Ceará

Ingressou com seu sócio em 24 de dezembro de 1912. Durante a sua permanência como Sócio Efetivo do Instituto de Ceará produziu os seguintes livros: *Lira Rústica*, *Telésias*, *Libertação do Ceará*, *A Sedição de Juazeiro*, *Cenas e Tipos*, *Reino de Kiato*, *A Seca de 1915*, *A Seca de 1919*, *Os Meus Zoilos*, *O Caixeiro* e *Coberta dos Tacos*.

### 10.4 Academia Cearense de Letras

Foi admitido como membro da Academia em 1892 para a cadeira no. 36, na 1ª. reorganização. Em 1950, na 2ª. reorganização, passou para o Quadro de honra. Na 3ª. reorganização foi eleito patrono da cadeira 33, hoje ocupada por Noemi Elisa Aderaldo.

## 11 Outras atividades de Rodolpho Theóphilo

Poucas pessoas fazem, com tanta justiça, jus ao título de polivalente como Rodolpho Theóphilo. Neste trabalho foram registradas suas atividades como sanitarista, professor, político, escritor e jornalista.

Entretanto, ele foi além e como farmacêutico inventou: a cajuína, o vinho de caju, o soro antiofídico e um sem-número de remédios.

### 11.1 A cajuína

Rodolpho inventou a Cajuína, dando-lhe até mesmo o nome, que se transformou em uma das mais populares bebidas do Ceará. Ele próprio redigiu o teor da publicidade, nos seguintes termos:

O cajueiro (*Anacardium Occidentalis*) pertencente à família das Tebebintháceas. É uma árvore de grande porte, indígena e vegeta no Norte do Brasil, principalmente no Ceará. Frutifica uma vez por ano, de outubro a dezembro.

O fruto propriamente do cajueiro é uma noz chamada castanha, reniforme, contendo uma amêndoa mui saborosa. O caju vulgarmente conhecido como fruta do cajueiro, não é mais do que o produto floral extremamente desenvolvido, com aparência de um belo fruto amarelo, encarnado, oval, redondo, oblongo, contendo um suco doce ou ácido muito agradável e rico em tanino. O caju entre o povo é conhecido como um grande depurativo do sangue e um excelente tônico.

Com o caju preparamos uma batida que a princípio denominamos Vinho Seco de Caju cuja denominação por imprópria e por causa dos imitadores fomos obrigados a mudar para Cajuína que registramos na Junta Comercial.

A cajuína não é mais que o suco de caju recentemente extraído e conservado pelo processo de Appert. É uma bebida saborosa, agradável, não alcoólica, com todas as propriedades tônicas, depurativas, diuréticas e nutritivas do caju. Usada como água gasosa é excelente. Com água e açúcar, partes iguais, além de ser um refrigerante esplêndido é um diurético de primeira ordem, superior à theobromina, o diurético ideal. (SOMBRA, Secretaria de Cultura e Desporto da Prefeitura Municipal de Maracanaú, p. 134 e 135, 1997).

Se o anúncio, como peça publicitária, deixava muito a desejar por ser prolixo, porém revelava o farmacêutico sempre presente com uma preocupação científica.

Miguel Ângelo de Azevedo, Nirez, explica em detalhes o anúncio:

Vemos o nome do produto acima; duas redomas com a indicação da medalha de ouro conquistada na Exposição Nacional de 1908 realizada no Rio de Janeiro, então Capital Federal; uma pintura feita pelo artista Roas Detchesel, com uma bailarina tendo na mão direita um cálice de vinho de caju e à mão esquerda, uma garrafa do produto, onde pode ser visto o rótulo antigo, ainda com o nome de vinho de caju. No centro superior direito, dentro de uma elipse, a foto do fabricante, Rodolfo Teófilo. (SOMBRA, idem, p.135,1997).

## 11.2 Vinho de caju

Coube a ele também criar a fórmula de um vinho derivado do caju, o que lhe trouxe muitos dissabores, uma vez que o referido vinho



fora comercializado por seu filho de criação, Raul Teófilo. Talvez para confundir a opinião pública e aproveitar-se da fama de Rodolpho Teófilo, anunciava o produto com o nome de R. Teófilo. Ora, disso se aproveitavam os inimigos de Teófilo, porque ele sempre achou, nos seus pronunciamentos públicos e de acordo com o seu livro no *Reino de Kiato*, que as três principais causas da infelicidade do ser humano eram o álcool, a sífilis e o tabaco.

Quintino Cunha, autor de *O Encontro das Águas*, notabilizou-se mais por sua ironia, do que por sua poesia, aproveitou-se da situação e publicou em heptassílabos a seguinte quadra:

“R.Teófilo-pai  
R.Teófilo-filho  
Um no capim sobressai;  
Sobressai outro no milho!” (SOMBRA, p.142,1997)

A sátira de Quintino foi além:

“A Literatura do Rodolfo é tão fraquinha como a Laranjinha!... (Idem, Ibidem)

### 11.3 Soro antiofídico

Não era só a seca, nem a varíola que matavam no Ceará. Surgiu a praga das cascavéis que atacavam indistintamente pessoas e o gado.

Sem nenhuma proteção na prevenção ou de antídotos para combater as picadas, após algumas poucas horas os caboclos morriam à míngua.

Sensibilizado com o problema, Rodolpho começou a pesquisar o assunto buscando em bibliotecas médicas uma solução para reduzir a mortalidade daquelas populações tão sofridas e desassistidas.

Encontrou, após muitas infrutíferas buscas, uma revista onde havia sido publicada uma matéria assinada pelo Dr. Lacerda no qual uma simples injeção de permanganato de potássio,  $KMnO_4$ , aplicada logo após a picada coagulava o veneno, impedindo-o de entrar na corrente sanguínea. Estava ali o soro antiofídico.

Chegou mesmo a levar uma cascavel para casa para aprofundar as suas pesquisas, no que foi impedido porque D. Raimundinha, sua esposa, tendo horror a cobra, aproveitou-se de uma sua ausência e matou-a.

Ele não reclamou porque a sua cartilha ensinando a fabricar o soro antiofídico já havia sido impressa e enviada para todo o interior de Ceará.

#### **11.4 Outros Remédios**

Além dos citados, fabricava xaropes, remédios para reumatismo, doenças de pele, incômodos do estômago, dores de cabeça, pomadas para eczemas, loções com fórmulas secretas que diziam curar tuberculose, sífilis e até câncer, pelo menos era o que apregoava a publicidade da farmácia de Rodolpho.

### **12 Sua família**

Rodolpho Theóphilo viveu uma paixão platônica na juventude pela filha do Presidente da Província Sr. Diogo Sobrinho, quando ele, apenas um caixeiro-vassoura. Fora uma demonstração de audácia, em um romance platônico e unilateral. Afinal não possuía *le physique du rôle* social para levar adiante o romance, ignorado por sua Dulcinéia.

Posteriormente, quando foi recuperar-se de sua saúde em Pacatuba, apaixonou-se novamente por uma moça muito acima de suas possibilidades, por ser ela filha do Comendador Antônio Cabral de Melo e um dos chefões da região, D. Raimundinha.

Manteve sua paixão em segredo, só a revelando após concluir o Curso de Farmácia.

Casaram-se e ela foi sua fiel companheira, durante toda a sua trajetória de vida, trabalhando diuturnamente na produção e aplicação das vacinas.

Não tiveram filhos. No entanto, adotaram dois. O primeiro Antônio, filho de Henrique Justa, o seu grande benfeitor e que se formou em medicina e o segundo, Raul Teófilo, filho de sua irmã Florisbela, que grávida, refugiou-se no Alto da Bonança para preservar o bom nome da família. Quando a criança nasceu todos pensavam ser filho de Rodolpho e D. Raimundinha. Formou-se, como o pai adotivo, em Farmácia, na Universidade da Bahia.

### 13 O reconhecimento

Embora tenha sido muito combatido, recebeu muitas demonstrações de reconhecimento, ainda em vida, pelo hercúleo trabalho desenvolvido em todas as suas áreas de atuação.

\*Em 1884, recebeu do Imperador Pedro II por sua atuação a favor da libertação dos escravos a comenda do Oficialato da Rosa.

Ganhou, em 1908, na exposição nacional do Rio de Janeiro, na qualidade de industrial, a Medalha de Ouro pela excelente qualidade da cajuína, por ele criada e produzida.

- Em 21 de outubro de 1908 teve seu retrato apostado na Fênix Caixeiral, quando recebeu o título de Sócio Benemérito.
- Os consagrados autores, Antônio Sales e Josué de Castro lhe dedicaram, respectivamente os livros *Aves de Arribação* e *Geografia da Fome*.
- O Congresso Nacional outorgou-lhe o título de “Varão Benemérito da Pátria”.
- O *Diário do Ceará* em 07 de maio de 1924 publicou o batizado da lancha da Diretoria de Higiene nos seguintes termos:
- “Foi batizada a lancha Rodolfo Teófilo, que contou com a presença de seu sobrinho e filho adotivo Raul Teófilo e do Presidente do Estado Idelfonso Albano, além de autoridades sanitárias e deputados, uma homenagem autorizada pelo presidente da República ao “filantropo e individualidade cearense que é Rodolfo Teófilo”
- O Vacinogênio do Estado, foi denominado Vacinogênio Rodolfo Teófilo de acordo com o que foi publicado no *Diário do Ceará* em 07 de julho de 1930. Observação: provavelmente, devido ao seu temperamento reservado, ele não compareceu a nenhuma das duas solenidades (o batismo da lancha e a inauguração do vacinogênio).
- Em seus últimos aniversários foi muito festejado, em crônicas laudatórias de reconhecimento pelos jornais: *O Diário do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *A Capital*, *Correio do Ceará*.
- A consagrada escritora Rachel de Queiroz que, além de ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, e honrar os quadros da Academia Cearense de Letras, prestou-lhe uma comovente homenagem, como a despedir-se do “Apóstolo Leigo”, rendendo-lhe todas as justas homenagens, no *Álbum de Fortaleza* nos termos descritos a seguir:

Nas suas barbas brancas de apóstolo, no seu recolhimento e na sua tristeza é uma das mais belas figuras venerandas do Ceará.

Toda uma longa vida de trabalho, de fé e de coragem está naqueles setenta anos fatigados que parecem mais velhos, no esgotamento do seu grandioso serviço.

Vinte livros já saíram de suas mãos trêmulas, mãos que fizeram tanto bem e espalharam tanta luz- mãos que hoje só se exercitam nos dois grandes gestos de amor: a esmola, que socorre, que alimenta, e que conforta; a bênção que eleva, que purifica e que perdoa.

Vinte livros. Toda a história dolorosa das secas e a tragédia nostálgica dos êxodos, nas páginas atormentadas de *A Fome*, do *Paroara*. Os grandes dramas de sangue, as velhas lendas heróicas do banditismo e sertão no *Os Brilhantes*, no *Conduru*, em *Maria Rita*. E a irônica vergastada de *Memórias de um Engrossador*, a encantadora utopia do *Reino de Kiato* e o doce lirismo intelectual de *Telésias* e o sombrio satanismo de *Violação*....

E toda uma obra de paciente saber, de apaixonado estudo, na grande bagagem dispersa copiosamente em meio da produção artística.

Hoje, o dono da alma heróica que venceu a peste negra naquela luta gigantesca em que ia procurar lá dentro da sua cidadela de casebres a praça forte da miséria e da morte como uma grande relíquia preciosa, é que vive brâneo e trêmulo, luz cansada que invoca a grande noite, desejoso do doce sono que o venha libertar do peso amargo da vida, da saudade da velha e amada companheira que se foi, saudade que é o seu único mal e sua única e infinita tortura.

Mas é preciso que não se vá. Velho avô bem-querido, que nos ensinou a chorar nossas dores e curar nossos males, velho avô, carecemos demais do muito que aprendeu, do muito que sabe dedicar-se, do muito que sabe amar...

E se a inveja e a ignorância conseguissem fazer apagar e esquecer o que a mão escreveu, nas cicatrizes benfeitoras que cada cearense traz nos braços, está gravada a marca de sua ciência generosa, velho avô... (QUEIROZ, *Album de Fortleza*, s.p., 1931).

Em seu relatório, apresentado à Assembléia Legislativa em 1º de julho de 1913, Franco Rabelo, ao comentar no relatório oficial de seu governo, reconhece a relevância do trabalho desenvolvido por Rodolpho na saúde pública nos seguintes termos:

Não posso encerrar esse parágrafo sem aludir à grande obra executada, em favor da Higiene Pública do Ceará, por esse abnegado e persistente contrerrâneo, o sr. Farmacêutico Rodolfo Marcos Teófilo.

Quando os poderes públicos deixavam a população do Ceará entregue às mais devastadoras epidemias, sem dar nenhuma providência, o Sr. Rodolfo Teófilo por sua própria iniciativa, sem subvenção, nem estímulo do governo, empreendeu a obra apostolar de extinguir a varíola no Ceará dando início à humanitária tarefa em dezembro de 1900.

A terrível epidemia que, durante quinze anos consecutivos arrebatara tantas vidas foi debelada em Fortaleza, após três anos de trabalho infatigável e sereno. Que, além, ele não interrompeu de então até hoje.

O ilustre patriota não só preparava a linfa, como fazia pessoalmente a vacinação domiciliar nesta cidade e subúrbios. Além disso, tinha em todo o centro de estado um grupo de comissários, a quem remetia vacina e que se incumbiam de dar combate à epidemia.

Assim em 1904, não se deu em Fortaleza, um só caso de varíola. O Sr. Rodolfo Teófilo vacinava nesses quatro anos oito mil pessoas, não se falando da vacinação no interior.

Ele tem feito a obra completa de um excelente instituto vacínico, por simples amor à humanidade despendendo nessa gloriosa campanha dinheiro e energia”.

O que se depreende desse relatório oficial é que, os governos, quando não submetidos às paixões políticas, reconheciam o trabalho abnegado de Rodolfo pela gente pobre e doente de sua amada terra, por adoção.

\* Os acadêmicos da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Ceará em reconhecimento ao seu desempenho profissional, decidiram denominar o seu órgão representativo de Diretório Acadêmico Rodolfo Teófilo.

## 14 Sua morte

Na velhice, com 79 anos bem vividos, Rodolfo havia abrandado o seu temperamento reservado e sisudo e já se permitia mesmo algumas brincadeiras. Tornara-se mais afável e, por ocasião da visita de Demócrito Rocha e Paulo Sarasate, respectivamente, diretor e redator secretário de *O Povo*, brincou com eles, já prevendo a sua partida para a eternidade: “Estas pernas estão pedindo cova”...

Perdera muito o interesse pela vida depois do falecimento de sua esposa D. Raimundinha.

Por ocasião de seu passamento, em 2 de julho de 1932, totalmente livre de seus detratores e adversários políticos, tornara-se um nome consagrado em todo o país.

*O Povo* publicou no dia de seu enterro em letras garrafais: “O Ceará vê desaparecer um de seus grandes filhos”.

Dois dias depois um de seus articulistas sugeriu que o bairro da Pajuçara fosse rebatizado com o seu nome e termina o seu texto: “Quem for cearense, mesmo que não seja pobre, há de concordar que o nome de Rodolfo Teófilo seja imortalizado”.

A *Revista do Instituto do Ceará*, nº. XLVII, relativa ao ano de 1933, publicou o necrológio de Rodolpho Theóphilo, conforme o texto abaixo:

No ano passado, no dia 2 de julho, fechava os olhos à luz terrena esse homem, por tantos fundamentos notáveis, que se chamou Rodolfo Marcos Teófilo.

Já estando preparado o número desta revista, prestes a circular, não nos foi possível render ao membro eminente do Instituto do Ceará, de que foi primeiramente sócio efetivo e depois de honra, a homenagem que postulavam os seus grandes méritos, os quais levaram o Congresso Nacional a dar-lhe o título excepcional de Varão Benemérito da Pátria. E benemérito foi ele de fato, não só no labor indefeso de por termo à varíola por meio de vacinação constante e gratuita, mas também devassando novos campos de pequenas indústrias, de inestimável alcance financeiro para a população pobre.

Mas o que Rodolfo Teófilo foi, antes e acima de tudo, foi escritor. A poesia, o romance, o conto, a história, o panfleto, o jornalismo, a mesma ciência – teve nele tudo isso um cultor apaixonado, que morreu sem depor a pena.

Historiador dos flagelos climáticos que periodicamente assolam o Ceará, bem como das peripécias políticas que assistiu, não pode eximir-se ao partidarismo a que se acorrenta a natureza humana, ainda a mais bem organizada, e muitos juízos seus hão de ser talvez reformados pela posteridade; mas não se pode negar que tudo quanto escreveu tem o cunho de sinceridade mais perfeita. E isto já não é pouco, por que, em geral, os que atacam os outros fazem-no por maldade.

O poeta, embora deliberadamente popular, como Juvenal Galeno, deixou algumas produções antológicas, como o soneto “O Átomo”, quer na primeira, quer na segunda versão.

É, porém, o romancista que a todos se impõe. *A Fome*, *O Paroara*, *Maria Rita*, *Os Brilhantes*, *O Reino de Kiato* e tantas outras obras de ficção, estão aí para atestar o valor de Rodolfo Teófilo.

Escrevendo naturalmente, quase como falava, sem apuros de forma, legou-nos entretanto algumas das páginas mais belas e sugestivas da literatura nacional, e quem quiser estudar e conhecer o português do nosso Estado, suas modalidades, a familiar e a popular, tem de recorrer às obras do ilustre escritor e nelas encontrará um manancial quase inesgotável.

Expirou a 2 de julho de 1932, deixando para as gerações que o sucederem o exemplo de um homem íntegro que amou a sua terra e ao seu próximo, dedicando-se especialmente aos desamparados cearenses, constantes vítimas das secas inclementes e da insensibilidade e desonestidade de grande parte das autoridades constituídas.

Rodolpho Theóphilo podia como poucos, ao findar seu ministério neste planeta, por sua vida de amor ao próximo, parafrasear o Apóstolo São Paulo e dizer com toda a convicção:

“Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé”. (2º. Timóteo, 4, versículo 7).

## Cronologia de suas principais obras

<b>Título</b>	<b>Ano</b>
História da Seca no Ceará	1883
Monografia de Mucunã	1888
Ciência Natural em Contos	1889
Botânica Elementar (em parceria com Garcia Redondo)	1889
A Violação	1889
A Fome	1890
Cartas Literárias	1895
Os Brillhantes	1895
Maria Rita	1897
O Paroara	1899
Secas do Ceará (Segunda Metade do Século XIX)	1901
Variola e Vacinação no Ceará (1ª. parte )	1904
Violência	1905
O Cunduru	1910
Variola e Vacinação no Ceará (2ª. parte )	1910
Memórias de um Engrossador	1910
Lira Rústica	1913

Telésias	1913
Libertação do Ceará	1914
A Sedição de Juazeiro	1915
Cenas e Tipos	1919
Reino de Kiato	1922
A Seca de 1915	1922
A Seca de 1919	1922
Os Meus Zoilos	1924
O Caixeiro	1926
Coberta de Tacos	1931

## Bibliografia

A BÍBLIA. Imprensa Bíblica Brasileira, 1973.

ANDRADE, Francisco Ari. Edições INESP, Fortaleza, 2008.

BEZERRA, Paulo. (Org.), *Álbum de Fortaleza*, Tipografia Meton e Gadelha, 1931.

DARMON, Pierre. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991).

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

FERREIRA NETO, Cicinato Ferreira. *A Tragédia dos Mil Dias, A Seca de 1877-79 no Ceará*. Premium, 2006.

FIUZA, Regina Cláudia Pamplona. Tese de Mestrado em Literatura Brasileira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

JÚNIOR, Marcelo Silva. Rodolfo Teófilo - *O Higienista Pioneiro no Brasil - Anais da Faculdade Nacional de Farmácia*, 1953.

LOPES, Régis. *Esquecer para lembrar*. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.



- MENEZES, Paulo Elpidio de. *O Crato do Meu Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 1985.
- MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e Cangaceiros*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.
- MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará*. IJUREH, Instituto Jurídico, Eleitoral e Histórico. Fortaleza: ABC, 1999.
- NETO, Lira. *O Poder e a Peste*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- QUINDERÉ, José. *Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1950.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOMBRA, Waldy. *Rodolpho Theóphilo, o Varão Benemérito da Pátria, Vida e Obra*. Fortaleza: Centro Gráfico da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia de Maracanaú, 1997.
- TEÓFILO, Rodolfo. *A Seca de 1915*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.
- TEÓFILO, Rodolfo. *Violação*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.
- TEÓFILO, Rodolfo. *Variola e Vacinação*. Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*. Publicação da Secretaria de Cultura, Desporto e Formação Social, Fortaleza, 1974.
- TEÓFILO, Rodolfo. *Os Brilhantes*. Instituto Nacional do Livro, 1972.
- VALE NETO, Isac Ferreira do. Tese de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, 2006.